

BARSADOQUE

Barsadoque abriu os olhos. A porta aberta deixava entrar a tênue luz do amanhecer. O dia estendia-se diante dele como uma nova oportunidade e Barsadoque não estava com vontade de levantar-se. As roupas de cama estavam quentinhas e acolhedoras e o dia apresentava-se hostil.

A vida não era fácil para Barsadoque. A vida não é nada fácil para um mendigo que tem que sair diariamente para buscar o pão, batendo às portas onde nem sempre recebe amabilidades.

Quando o dia traz a consciência da felicidade e cada amanhecer é um despertar ao gozo da existência, então é fácil sair da cama, otimista e alegre, de um pulo. Mas quando cada dia novo é mais um confronto com a infelicidade, então é preferível nem acordar.

Barsadoque estava encarando o novo dia sem ânimo para nada. Devido a um hábito, mais do que por vontade própria, saiu da cama e se vestiu. Como não tinha nada para comer, não ficou em casa mais do que o tempo para arrumar-se. Saiu à rua e dirigiu-se às primeiras casas do povoado.

As pessoas já estavam começando sua luta diária pela vida. Os comerciantes estavam abrindo as portas de suas lojas e estavam arrumando sua mercadoria. Dos sítios ao redor estavam chegando os colonos com seus animais carregados, indo em direção ao mercado. Os pescadores, à beira do lago, estavam limpando suas redes e escolhendo o peixe.

Vida dura a dos pescadores. De noite, enfrentam a constante luta contra as ondas e os ventos, o molhar-se em água fria, o lançar e recolher as redes, o içar e abaixar as velas, o suportar tempestades e a água salgada que penetra no corpo pouco a pouco, provocando coceiras e queimaduras.

De dia, têm que limpar as redes, remendar as velas, consertar os barcos, discutir com os clientes, fugir dos detestáveis cobradores de impostos e, finalmente, têm que

entrar de corpo e de alma nesta confusão que é a vida comercial.

Os padeiros abriam as portas de suas padarias para que o delicioso cheiro do pão quentinho incitasse seus compradores. Os alfaiates já estavam com a agulha na mão, atentos aos panos coloridos que estavam à sua frente. Os carpinteiros, os pedreiros, os lavradores, os ferreiros e todos os que ganham o pão com o suor do seu rosto, ao clarear o dia, iniciavam seu trabalho com este afã antigo que leva as pessoas a ganhar dinheiro e a conseguir mais comodidades.

Barsadoque olhava todo este movimento enquanto descia a ruazinha e pegava a direção do porto e do mercado. Hoje, mais do que nunca, sentia tristeza por sua vida sem sentido. Estava com frio, pois o sol ainda não tinha mostrado toda a sua força. Uma pneumonia o tinha deixado fraco e ainda estava em fase de recuperação daqueles dias em que sentira tanta dor e tanta febre.

- Ah, se eu pudesse comer bem todos os dias! Se todos os dias eu pudesse trabalhar como ajudante em algum lugar. O que mais o atraía era a pescaria, porque gostava do mar e da liberdade.

Outras vezes, desejava ser um mercador e poder viajar com grandes caravanas para países maravilhosos. Gostaria de mudar de ambiente todos os dias e poder conversar com gente nova.

Queria conhecer certos lugares onde há animais tão grandes como uma casa e que, segundo ouvira dizer, tinham duas caudas – uma atrás e outra na cabeça, com a qual pegam tudo o que querem comer. Pensava até em ir para bem longe, para o ocidente, para a beira deste imenso mar que levava ao fim do mundo.

E Barsadoque, como todos os que são obrigados a vegetar num determinado lugar e sofrer uma vida ingrata, só sonhava o que para ele era impossível.

Mas Barsadoque não podia sair de Cafarnaum. Além do mais, era apenas uma criança. Órfão desde os três anos, fazia nove anos que morava com os seus avós, que eram tão

pobres quanto ele. O vovô fazia pequenos cestos com suas mãos que outrora já tinham sido bastante hábeis e assim tirava alguma coisa para comer.

A vovó estava paralítica desde que tivera seu segundo filho e era um peso para o marido, dando muito trabalho e gastos. O filho não tinha vivido muito e faleceu sem deixar outra coisa se não a tristeza e uma mãe amargurada e inútil.

Barsadoque precisava fazer a sua parte e o que recolhia, pedindo de porta em porta, era o que à noite comprava a janta para aqueles três infelizes seres.

– Barsadoque! – Um grito agudo estalou aos ouvidos do menino.

A empregada de uma casa estava chamando-o. Era uma das suas amigas. Barsadoque também tinha amigos no povoado, amigos que simpatizavam com ele e que, às vezes, lhe reservavam alguns restos especiais de alguma festa noturna. Dina era uma delas. O menino correu esperançoso porque Dina trabalhava numa casa de gente rica.

– Sabe, Barsadoque, disse-lhe a moça. – Ontem à noite houve uma festa em casa. Comeram do bom e do melhor. Porco e pavão assados até dizer chega. Também havia peixes e frutas. E o pão era de Habibe, o siro, e você já sabe que pão gostoso ele faz. Beberam muito vinho e acabaram todos bêbados. Todos, entende?

A Dina era um bocadão exagerada ao falar e Barsadoque já estava com água na boca só de ouvir.

– Você me reservou alguma coisa, Dina? Espero que tenha sobrado...

– Oh, Barsadoque, deixe-me contar-lhe. Vieram muitos convidados, as pessoas mais importantes do nosso povoado. Até um centurião aqui esteve e o velho Milquias. Também uns estrangeiros bem ricos a quem o patrão queria homenagear. Aqui esteve Ahimaás e Al-Kader e também a viúva Kalima. Até ela veio! Você sabe que o patrão gosta muito dela?

Barsadoque estava ficando impaciente. Não tinha tomado seu café de manhã e a conversa inútil o estava deixando nervoso.

– Mas você separou alguma coisa para mim, Dina? Fale logo e deixe de conversa.

– Pois não foi possível guardar nada para você, Barsadoque. Você sabe o que fizeram estes ricos egoístas? Depois de todos estarem cheios de tanto comer e bêbados de tanto beber, ajuntaram as sobras e as jogaram aos cachorros do patrão. E sabe o que diziam estes malvados? Vamos dar os restos aos cachorros e não aos escravos, para que estes não se acostumem a comer coisa boa e depois se revoltarem. Foi o centurião romano que lhes ensinou isto. Não têm vergonha! Os que são de nossa mesma raça se juntam com esse estrangeiro e ainda o convidam a comer!

Dina parou de falar com um gesto de profundo desagrado. Ela também sofria a opressão da pobreza e, embora menos infeliz do que Barsadoque, sabia o que é estar sob as ordens de um patrão.

– De todo jeito, muito obrigado, Dina. Eu sei que não foi por sua culpa. Fica para outro dia.

– Talvez no próximo sábado, Barsadoque. É quase certo que haverá uma outra festa.

O juvenzinho deu meia volta e foi-se embora. Muitas vezes acontecia isto. Nem sempre os chamados de uma casa terminavam com uma esmola. Muitas pessoas o chamavam para pedir-lhe favores. Pediam-lhe para dar recados a outras pessoas porque sabiam que ele percorria todo o povoado e conhecia todas as casas. Eram favores que nem sempre pagavam, pois as pessoas gostam de receber, mas não de dar.

Barsadoque, em sua filosofia infantil que já ia fazendo-se adulta rapidamente, compreendia que as pessoas não são generosas porque são pobres. Elas têm medo que lhes falte e, porque a vida é tão dura e má e o pão de cada dia é tão difícil de ser obtido, tornam-se mesquinhas.

As pessoas compartilham um bocado de comida com os familiares, mas com o que não têm o mesmo sangue, não. A

vida da rua desperta bem depressa a inteligência dos meninos, principalmente se têm imaginação e um coração sensível.

Quanto a isto, Barsadoque era superdotado. Toda a vida do povoado, dia após dia desfilava perante os seus olhos, o cativava e despertava nele grandes reflexões. Tudo o atraía, tudo merecia sua atenção. Sem perceber, ia examinando todas as experiências que podem existir num povoado, que é como um resumo do mundo.

Os homens, as profissões, a felicidade e a infelicidade, o verão e o inverno, a chuva, o bom tempo, os jogos infantis e até o ódio e o amor eram, para Barsadoque, motivos de reflexão. O que o seu corpo tinha de débil, sua mente tinha de ativa. Afastou-se manquejando. Coxeava um pouco da perna direita como resultado de uma mordida de cachorro. Certa vez, Barsadoque batera à porta de um dos ricos da cidade e lá de dentro tinham incitado contra ele um feroz animal, um desses cachorros famintos, frequentadores habituais dos montes de lixo. O animal tinha fincado seus dentes na barriga da perna do menino e tinha-lhe deixado uma marca para o resto de sua vida.

Quanto ódio sentiu Barsadoque enquanto precisou ficar de cama. Ele teria até matado aquele malvado que ainda deu risadas ao ver a pirueta do menino para livrar-se do cachorro. Há acontecimentos na infância que ficam gravados para sempre na alma. Às vezes, determinam uma conduta e um caráter para o resto da existência.

Como lembrança do doloroso acontecimento, tinham ficado para Barsadoque duas manchas esbranquiçadas e profundas na pele de sua perna e uma ferida vermelha no coração, como também uma incurável manqueira.

O mercador Gerson teria a vida sempre em perigo quando Barsadoque fosse grande e estivesse em condições de cobrar a dívida.

Ele sempre relembrava estes acontecimentos tão amargos. Os ricos e os poderosos, as mulheres mesquinhas e

egoístas e aqueles que alguma vez tinham caçoado dele eram os inimigos de Barsadoque. Um dia se vingaria deles.

oOo

O dia já estava avançando e era lindo, com um sol brilhante e um céu bem azul. Do alto, brancas nuvens tranquilas derramavam poesia. Um grupo de meninotes brincava numa pracinha; todos esfarrapados e famintos como Barsadoque. Eram Zacarias, Jônatas, Abel e Abubeque. Eram seus amigos, sua turma.

– Gosto de todos eles – pensou Barsadoque, – mas de Jônatas gosto mais. Havia uma afinidade que os unia, sem eles saberem. As amizades se fazem assim, por uma identidade de alma para alma. Os amigos nascem, não se fazem. Na vida é necessário saber encontrá-los.

Aqueles meninos sem lar ficaram longo tempo brincando juntos com seus jogos habituais. Apesar de tudo, estavam alegres por viver. A vida é uma coisa maravilhosa. Pode haver fome e miséria, insultos e maus tratos, mas, havendo um sol de ouro, um dia quentinho, um grupo de amigos e um sorriso nos lábios, a vida é grandiosa. Ninguém é infeliz aos doze anos. Como sempre, Barsadoque deixava-se levar por suas intermináveis indagações.

Passou o meio-dia e os rapazinhos se afastaram. Barsadoque continuou sozinho. Comeu alguma coisa que lhe deram pela rua e seguiu para um cantinho fora do povoado, perto da beira do lago, onde costumava descansar e dormir nas calorosas horas da sesta.

Aqueles dias eram especiais para a pátria de Barsadoque. Graves acontecimentos estavam para ocorrer por ocasião da festa da Páscoa. Ele sabia, pelas tradições que tinha ouvido contar no lar, naqueles escassos momentos em que o vovô tinha ânimo para contar-lhe alguma história, que seu povo, agora dominado pelos invasores romanos, antes tinha sido forte e livre. Tinham tido grandes e valentes reis e guerreiros, como, por exemplo, Davi, Salomão e Josias.

Em outra época, já remota, tinham sido ricos e poderosos, mas tinham sido dominados pelos caldeus, pelos persas e pelos gregos e, finalmente, tinham chegado os romanos, que eram os mais cruéis.

Dos anciãos tinha aprendido certas coisas que não compreendia, lendas meio confusas acerca de um guerreiro muito poderoso que um dia ia aparecer em sua terra para dar-lhes liberdade, poder, saúde e riquezas. As lendas diziam que Deus mesmo ia enviar este guerreiro e que ia chamar-se o Filho de Deus.

Barsadoque pensou em Deus. Não compreendia muito o que se dizia a respeito de Deus, do misterioso Deus do seu povo que ninguém podia ver e cujo nome ninguém podia pronunciar. O Deus do seu povo tinha feito grandes façanhas e milagres, salvando-os de inimigos poderosos.

Tinha-os tirado de um país chamado Egito e que ficava longe, bem longe, além das águas do grande mar. Mas depois, devido à maldade do povo, esse Deus os tinha abandonado e não os protegia mais.

Mas lhes tinha dito que um dia lhes enviaria um Salvador e até lhes tinha dito, por meio de profetas, em que aldeia e em que tempo esse Salvador ia nascer. Disse-lhes também que seria o Seu próprio Filho. O Filho de Deus. Como seria este Filho do Deus de Israel?

Barsadoque achou que poderia ser um rapazinho como ele, pois não concebia um “filho” adulto. Teria que ser um menino de sua idade, como Jônatas. E até O imaginava pobre e pedindo pão. Talvez até com um sinal de uma mordida de cachorro na perna.

– Gostaria de ser amigo dEle –, disse quase em voz alta.

oOo.

O sol da tarde refletia nas azúis águas do Mar da Galileia. Barsadoque apoiou seus cotovelos na terra e olhou para a água por entre os caniços da beira.

Sentia-se feliz naquele momento, sem saber o porquê. Um otimismo profundo que manava do mais íntimo de sua alma e que quase nada podia perturbar era uma das características do seu caráter. Sabia sorrir e olhar para a vida com olhos benévolos. Tornou a pensar no Filho de Deus e este pensamento o deixou contente. – Se O encontrar, gostaria de ser Seu amigo, – pensou novamente.

Grupos de pessoas passavam pelo caminho à beira do mar. Muitas vestiam-se de branco e iam cantando. – São os

essênios, – pensou Barsadoque, que se tinha em conta de profundo conhecedor das pessoas.

– Aonde irão?. Mais pessoas passaram, conversando animadamente. Muitos conhecidos do menino estavam entre elas. – Será alguma festa? Sempre estão fazendo festas –, pensou ele.

Levantou-se e dirigiu-se ao povoado. Precisava providenciar a ceia do entardecer e conseguir o pão para os avós. Era seu trabalho diário. Primeiro, conseguir alguma coisa para si e, depois, levar alguma coisa para os velhinhos.

O alfaiate Simão estava à janela de sua casa. Um sujeito pequeno, feio, com cara de macaco e com olhos cheios de malícia e sempre disposto a ferir com suas palavras e brincadeiras. Entre ele e Barsadoque havia um estranho tipo de amizade. Ambos se queriam no íntimo, mas não perdiam a oportunidade de fazer alguma velhacaria e de dirigir um ao outro pesadas palavras.

– Boa tarde, Simão, – disse Barsadoque, que neste momento não queria briga.

– Seu faminto, estava esperando por você, – disse Simão. – Quer uma boa notícia? Há um homem que está distribuindo pão.

– É verdade? Onde está?,, – O interesse de Barsadoque despertou imediatamente, sem pensar que fosse uma brincadeira. – É um homem que se chama Jesus e que vive aqui em Cafarnaum. Você não O conhece?

O menino procurou lembrar-se. – Francamente, não. E olhe que eu quase conheço todas as pessoas do povoado. Quem é?

– Bem, Ele é de Nazaré. É um rabi muito bom e faz pouco que vive aqui. Eu O ouvi pregar uma vez e Suas palavras eram maravilhosas. Tem feito muitos sinais e milagres. Tem muitos discípulos que O acompanham. – Rabis e pregadores não eram conhecidos por Barsadoque, apesar de viver numa terra que estava cheia dos tais, de maneira que a descrição feita por Simão não fez qualquer efeito.

– E Ele dá pão?

– Sim, mendigo, sim. Ele pode dar a você todo o pão que você quiser, o suficiente para você comer o mês inteiro.

– E dá pão de graça?

– É claro que sim. A milhares já tem dado pão. Todos os mendigos da Galileia O seguem por causa disso. Dizem que lhes dá pão para fazê-los Seus discípulos.

– Ele já deu pão para você, Simão?

– Pra mim não. O que você pensa?, – respondeu orgulhoso o alfaiate. – Eu ganho meu pão com a minha profissão. Você, que é um mendigo, pode ir pedir-Lhe pão, se quiser.

Barsadoque deixou de lado a zombaria e disse: – E onde está este homem?

– Deve estar à beira do lago, no Recanto dos Peixes. Uma multidão foi para lá hoje de manhã.

– Eu os vi passar. Eram muitos! – exclamou o menino.

– Pois vá atrás deles e peça pão para seus avós.

O menino não permaneceu mais ali. De qualquer maneira, era uma boa razão para dar uma corrida até o Recanto dos Peixes, um dos lugares mais bonitos no Mar da Galileia. Sem despedir-se de Simão, Barsadoque saiu correndo o mais rápido que suas pernas lhe permitiam.

Nos arredores de Cafarnaum uma suave brisa estava soprando. Bonita cidade era aquela, mas cheia de vício. Como todo porto, era aberta a todas as pessoas e esta mesma mistura de gente a fazia má e também incrédula.

Ao longe viu-se uma multidão de pessoas.

– Lá estão – disse Barsadoque.

Ainda demorou uma hora para chegar junto a elas, devido às voltas que o caminho dava. A curiosidade tomara conta dele.

– Um homem que dá pão de graça para qualquer pessoa? Quem poderá ser? Ninguém é tão generoso assim; algum motivo Ele terá. Simão disse que era um rabi e que se chamava Jesus, – pensou o menino.

Jesus, Jesus, sim, já tinha ouvido alguma vez este nome, mas não lhe significava nada. E ele só conhecia Cafarnaum e uma porção de pescadores, de mercadores, que andavam por todos os caminhos da Palestina e que passavam por Cafarnaum, mas, fora disto, o imenso mundo lhe era desconhecido.

É verdade que ele conhecia uma pessoa com o nome de Jesus, mas estava certo de que não se tratava dela; este podia ser qualquer coisa menos rabi. Era um vendedor de vinho.

A figura do homem que distribuía pão ia crescendo em sua mente. Como qualquer pessoa de intuição aguda, formava sentimentos instantâneos e definidos das pessoas que ia conhecendo. “Jesus de Nazaré, o Homem do Pão”, como já O chamava, começou a ser-lhe simpático. Barsadoque chegou às primeiras filas dos homens sentados na grama. Todos estavam comendo pão e peixe. Havia mais de cinco mil pessoas comendo, segundo calculou.

Uma emoção enorme tomava conta do seu ser, sem poder explicá-la. Encontrou um conhecido e lhe perguntou:

– Onde está o homem que dá pão?

Vários lhe responderam: – Lá está Ele, entre aqueles homens.

Barsadoque olhou na direção indicada e viu um homem alto, vestido de branco, no meio de um grupo de pessoas.

De repente, Barsadoque ficou sem saber o que fazer. Ele, que era tão decidido, a quem a vida da rua tinha deixado tão desenvolvido, ficou como que amedrontado. A figura do homem de branco que falava vagarosamente o magnetizara. Como se tivesse pernas de chumbo, começou a aproximar-se dEle.

Ninguém o tinha impressionado tanto como Jesus. Sentiu que a emoção tomava conta dele e teve vontade de chorar e de correr.

De repente, Jesus olhou para ele e lhe disse: – Aproxime-se, Barsadoque.

O menino pensou que iria morrer. Havia algo de tão maravilhoso naquela pessoa, no rosto e na voz do Homem do Pão, que inspirava absoluta confiança.

– De onde Ele me conheceu?, – perguntou-se admirado. Jesus, sorrindo, estendeu Sua mão e, pegando um pão, o entregou a Barsadoque. O menino observou um instante as mãos de Jesus. Eram morenas, curtidas, mas bem formadas. Eram mãos de trabalhador, mas nobres e belas. Pareceu-lhe ver na palma da mão uma cicatriz larga e branca. Como um relâmpago, surgiu-lhe o pensamento:

– Será que um cachorro O mordeu na palma da mão alguma vez?

O menino afastou-se uns passos e manteve o pão junto ao peito, sem comê-lo. Jesus estava falando. Enquanto mulheres e homens comiam ao Seu redor Jesus ensinava-lhes a Sua doutrina.

– Trabalhem – dizia Ele – não pela comida que perece, mas pela que permanece para a vida eterna. Lembrem-se que não é só de pão que vive o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus. Não se perturbem com o corpo, com o que têm que vestir, e nem com a sua vida, com o que têm que comer ou beber. Preocupem-se com a sua alma, que é eterna. Busquem primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça e todas as demais coisas lhes serão acrescentadas!

Barsadoque estava fascinado com as palavras que saíam da boca de Jesus. Só tinha olhos para Ele. Enquanto a multidão comia, deitada na grama, a figura do rabi elevava-se grandiosa acima de todos. As luzes do sol poente refletiam-se em Sua cabeça, assemelhando-O, com seu impecável vestido branco, a um anjo de Israel.

– Sim – tornou a dizer – busquem primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça e todas as demais coisas lhes serão acrescentadas!

O Mestre estendeu Seu olhar para toda aquela multidão e abriu Seus braços como que para abençoá-la. O pão caiu das mãos de Barsadoque. Jesus tinha aberto completamente Seus braços e, com a cabeça voltada para o céu, parecia estar orando em silêncio.

Sua figura branca destacava-se, erguida contra as sombras do horizonte. Uma mulher começou a cantar um suave hino, um dos antigos Salmos do seu povo, que Barsadoque já tinha ouvido sua avó cantar em certa ocasião:

“Quando o Senhor restaurou a sorte de Sião, ficamos como quem sonha.

Então a nossa boca se encheu de riso e a nossa língua de júbilo; então entre as nações se dizia: Grandes coisas o Senhor tem feito por eles.

Com efeito, grandes coisas fez o Senhor por nós, por isso estamos alegres”.

Então o próprio Jesus sentou-Se e começou a comer, rodeado dos Seus, sorrindo e conversando. Entre eles havia dois a quem Barsadoque já conhecia. Eram Simão e André, dois irmãos pescadores.

Rodeavam a Jesus uns doze homens e pareciam ser os amigos íntimos do rabi. Um grito de surpresa escapou dos lábios do menino:

– Jônatas! O que está fazendo aqui?

Jônatas, seu amigo predileto, o mais hábil a pedir pão dentre a sua turma, estava ali entre os doze e ao lado de Jesus. Estava com um cesto cheio de pães no braço e sorria, cheio de orgulho, consciente de sua situação privilegiada.

– Estou aqui desde o meio-dia. Quando você foi embora, eu vim com os essênios para cá. Vi você dormindo à beira do lago.

Jônatas tinha estado ajuntando cinco pães frescos e estes eram os pães que o Homem do Pão tinha abençoado e tinha partido, multiplicando-os de tal maneira que tinham sido suficientes para satisfazer aqueles milhares de pessoas que se tinham reunido ali e ainda estavam sobrando a ponto de encher o cesto de Jônatas. Barsadoque alegrou-se muito em ver Jônatas ali, pois morria de vontade de fazer perguntas ao seu amigo. Mas seus olhares eram inteiramente para Jesus. Este tinha parado de comer e permanecia sentado com Suas mãos enlaçadas, prendendo as pernas pelos joelhos.

– Barsadoque, venha aqui, Meu filho – disse-lhe Jesus.

O menino se aproximou dEle com um nó na garganta. Jesus irradiava tanta simpatia. Havia tanta majestade e familiaridade em Seu gesto e em Suas palavras. Tinha uma atração tão irresistível que qualquer um se sentia imediatamente cativado por Ele e se aproximava dEle com confiança e com respeito.

O menino se ajoelhou e ficou frente a frente com Aquele homem a quem sentia amar com todas as suas forças.

Jesus estendeu Sua mão, afundando Seus dedos nos loiros cabelos despenteados de Barsadoque e lhe disse:

– Filho de Sadoque, você sempre está pedindo pão. Um dia, você dará pão aos outros. Sorriu docemente e cravou Seu olhar nos olhos do menino. Barsadoque apenas pôde perguntar-Lhe:

– Senhor, Tu és o Filho de Deus?

Barsadoque se pôs de pé. Aspirou profundamente o ar fresco do mar e fechou seus olhos, orando silenciosamente.

oOo

Com suas mãos estava apertando um rolo de pergaminho que sempre carregava consigo. Então, estendendo um sereno olhar por toda a multidão ali reunida, começou a falar:

– Irmãos, Ele foi embora, mas prometeu voltar. Lembremo-nos que Ele disse a Pedro e aos outros na última ceia: Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros. Aqui tenho uma carta de nosso amado irmão Paulo que nos diz para não nos afligirmos, que mais um pouco e Ele voltará para buscar-nos e que virá com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus. Mas eu lhes digo, irmãos, que, ainda que Ele esteja demorando-Se em vir, nós devemos amá-LO e servi-LO de todo o nosso coração.

Devemos levar a Sua Palavra a todo o mundo para que todos saibam que Ele morreu para salvar-nos e que agora Ele está lá encima, junto ao trono de Deus, preparando um lugar para nós...

Quem assim estava falando não era mais o menino mendigo e esfarrapado de alguns anos atrás. Era um jovem alto e robusto, de trinta anos de idade que estava em Tessalônica, junto às costas do Mar Jônico, sendo um dos muitos milhares de cristãos que testificavam ao mundo que Jesus de Nazaré, que tinha morrido crucificado, agora estava vivo; que Jesus era o pão vivo que tinha descido do céu para dar vida aos homens e que para lá tinha voltado por um curto espaço de tempo, enquanto estava sendo preparada a mesa para a Ceia Final.

Agora, cheio do Espírito de Cristo, ele estava levando a outros a mensagem gloriosa do Evangelho de Cristo, que é o poder de Deus para todo aquele que nEle crê. Desde aquele dia em que, à beira do Mar da Galileia, tinha recebido um pão da mão de Jesus, Barsadoque tinha crido nEle e tinha-Lhe entregue o seu coração. Ele foi testemunha de todas as coisas que aconteceram no Calvário e um dos que sempre permaneceram fiéis. Com o passar do tempo, transformou-se em um pregador. Certamente ele estava cumprindo-se a profecia dita pelo Senhor Jesus, pois agora estava levando Pão a outros.

oOo.